



OS DESAFIOS DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Edilene dos Santos Vieira¹
Rosemary Meneses dos Santos²

RESUMO

Para que possam surgir mudanças e melhorias, é necessário ter conhecimento acerca das dificuldades enfrentadas, pois não se pode fazer mudanças significativas em algo desconhecido. Para tal, o presente artigo foi desenvolvido a fim de investigar quais os maiores desafios enfrentados pelos docentes do ensino de Ciências ao receber um aluno surdo em sala de aula do ensino regular. Tem por objetivo conhecer quais as maiores adversidades que esses professores vivenciam, bem como entender como é feita a interação de professor, alunos surdos e ouvintes. O estudo foi baseado em um recorte de projeto de pesquisa de caráter pura/básica do tipo indutivo e contou com uma pesquisa bibliográfica, baseada em coleta de dados de acervos clássicos e modernos, bem como a aplicação de um questionário aberto composto por seis questões devidamente respondidas por professores de ciências do ensino regular que possuem alunos surdos em sala de aula. Após analisar os dados, verificou-se que embora a inclusão de alunos surdos no ensino regular tenha tido avanços significativos, ainda existem melhorias a serem feitas para que esse aluno tenha de fato seus direitos de aprendizado assegurado. Uma vez que não basta somente a lei lhe assegurar esse direito. Conclui-se que se faz necessário que o docente assuma sua parcela de responsabilidade, não deixando somente por conta do intérprete de LIBRAS.

Palavras-chaves: Aluno Surdo, Inclusão, LIBRAS.

INTRODUÇÃO

Ser professor por si só, já pode ser considerado um grande desafio, pois a profissão traz consigo uma infinidade de responsabilidades que vão desde conduzir seres humanos na sua formação profissional, bem como na grande maioria das vezes influenciar direta ou indiretamente na formação pessoal de cada indivíduo.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAR, edilenehb@gmail.com

² Professora orientadora: Mestre em Educação pela Florida Christian University - FCU, rosemarymeneses2009@gmail.com

Artigo Resultado do Projeto de Extensão: Os Desafios do Professor no Processo de Inclusão dos Alunos Surdos no Ensino de Ciências.



Todavia, o que pode ser considerado apenas um desafio do cotidiano profissional, pode se transformar em algo bem mais desafiador quando esse professor recebe em sala de aula um aluno com surdez. Fato esse, que exigirá um empenho minucioso para atender e suprir as necessidades advindas daquele aluno em específico.

“Não significa necessariamente que o professor regente deva ter pleno domínio da língua de sinais, porém, faz-se necessário um aprofundamento em LIBRAS para que juntamente com o intérprete possam trazer ao aluno surdo, conteúdos e metodologias adequados para que assim possa haver um maior aprendizado” (LACERDA ;SANTOS 2014 p.191).

Diante desta perspectiva o tema desse trabalho foi intitulado como: Os desafios do professor no processo de inclusão dos alunos surdos no ensino de Ciências. Sendo baseado na seguinte problemática: quais os desafios enfrentados pelo docente no processo de inclusão dos alunos surdos no ensino de ciências?

Para a elaboração desse trabalho, foram levantadas as seguintes hipóteses: As aulas devem ser planejadas com antecedência. Se faz necessário o uso de metodologias afim de sanar eventuais dificuldades, podendo usar como aliados (slides, jornais, além de outros recursos visuais). Além disso, o professor, bem como os colegas de turma devem visualizar o aluno surdo como alguém que embora possua suas “limitações” é um ser extremamente capaz de se desenvolver através dos conteúdos, principalmente quando estes forem aplicados de forma adequada.

O artigo tem como objetivo geral conhecer quais são os desafios enfrentados pelo professor no processo de inclusão do aluno surdo no ensino de ciências. Associado a ele, estão os seguintes objetivos específicos: investigar se os professores de ciências estão preparados para ensinar alunos surdos; averiguar quais são as dificuldades encontradas durante esse processo de ensino e aprendizagem para com o aluno surdo; identificar quais estratégias os docentes utilizam para buscar amenizar ou sanar os desafios encontrados.

Partindo desse pressuposto, essa temática despertou a atenção das pesquisadoras por se tratar de um tema voltado a área de inclusão dos alunos surdos, que visa averiguar as dificuldades que os professores de ciências que trabalham com alunos surdos enfrentam. Bem como, proporcionar uma reflexão ao antever tais desafios, já que os mesmos farão parte do futuro de um graduando de Licenciatura.

O presente estudo visa contribuir no intuito de trazer mais informações sobre os desafios enfrentados pelos docentes, para que a partir daí pressupõe-se que as escolas por conhecerem melhor o assunto, possam vir a buscar estratégias juntamente com os professores



a fim de amenizarem ou resolverem eventuais dificuldades quando se depararem com um aluno surdo, o que acarretará uma melhoria na qualidade do ensino.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi baseado em um recorte de um projeto de pesquisa, sendo esse estudo de natureza pura/básica, do tipo indutivo. Para a coleta dos dados foi realizado um levantamento bibliográfico através de uma revisão de literatura com acervos clássicos e modernos, além da aplicação de um questionário do tipo aberto, contendo seis questões que foi aplicado com docentes da área de Ciências que trabalham com alunos surdos.

Para que fosse mantido o anonimato dos participantes eles foram identificados como: DOC1, DOC2 e DOC3. O questionário foi aplicado através do Google forms.

REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão da pessoa surda no ensino regular

As escolas juntamente com o governo devem buscar estratégias para que haja realmente a inclusão de pessoas surdas nas escolas de ensino regular. Para isso, não basta somente esse aluno estar matriculado em uma determinada instituição, se faz necessário que haja profissionais e materiais adequados para atender a esse público.

É essencialmente necessário a interação dos alunos ouvintes com os alunos surdos que adentrarem à turma, onde se espera que haja uma interação entre ambos e acima disso, prevaleça o respeito mútuo procurando trabalhar em conjunto para que possíveis limitações possam ser sanadas. Pois o fator surdez não significa que determinado aluno não possa acompanhar os conteúdos e participar das atividades desenvolvidas no âmbito escolar. Uma vez que, se o aluno surdo tiver o acompanhamento adequado, ele poderá certamente superar suas dificuldades.

Além disso, é relevante que haja a inclusão de forma adequada desses alunos no âmbito escolar, para que eles realmente sejam acolhidos como os demais, tendo direito às mesmas oportunidades que os alunos ouvintes. Para tal, seria viável quebras de barreiras ainda existentes e isso vai necessitar um engajamento efetivo por parte do professor para que sejam rompidos antigos paradigmas educacionais.

“A fim de promover uma maior interação do sujeito surdo em uma sala de aula dita “convencional”, onde possivelmente o mesmo teria as mesmas

oportunidades de aprendizado, surgiu a integração. O que acabou ocasionando uma série de controvérsias, uma vez que a inclusão de fato, seria algo muito mais abrangente, englobando até mesmo aspectos sociais”. (NASCIMENTO 2015,p.4).

Os alunos surdos necessitam de oportunidades como qualquer outro discente, para que a partir disso possa desenvolver seus conhecimentos e habilidades. Porém, essa incessante busca por seus direitos permeia por muitos anos, mas até o presente momento nem todos os alunos surdos, têm seus direitos respeitados.

Fato esse, que irá depender da forma de como o docente irá se colocar diante da situação de lidar com tais condições, pois estas podem lhe desafiar a sair da sua zona de conforto e buscar novas estratégias de ensino. O que necessariamente dependerá do quão esse docente seja inovador e esteja disposto a se engajar desafiando o “incerto”.

“As escolas devem buscar transformar aquela educação mais tradicional em uma educação mais inclusiva. Sendo essencial adequar métodos que trabalhe o desenvolvimento dos alunos, através de uma forma mais individualizada para que sejam sanadas as possíveis dificuldades de cada um”. (NASCIMENTO, 2015).

Para que os discentes surdos sejam acolhidos de forma que suas necessidades sejam atendidas, é preciso que as instituições de ensino façam adaptações em suas práticas pedagógicas. Nesse caso, é necessário que além desses alunos terem atividades comuns aos outros, também tenham uma educação personalizada, com o intuito de diminuir ou eliminar as dificuldades apresentadas por eles.

A Formação de Professores de Ciências Para Lidar Com Alunos Surdos

Infelizmente, a maioria das instituições de ensino público de Licenciatura não têm uma formação adequada para preparar os futuros docentes para trabalhar com alunos surdos. Todavia, ao ingressar em um curso de licenciatura, o estudante em formação deveria ter em mente que a docência se trata de uma formação continuada e não algo estático. Fato esse, que lhe exigirá um constante aperfeiçoamento e uma eterna busca de se adequar as mais diversificadas situações que advém da profissão.

Para Lacerda e Santos (2014, p.224). “É questionável a eficácia dos cursos de Licenciatura como base para um conhecimento adequado, que se encaixe na realidade do surdo. Uma vez que tal formação não tem como prioridade a obtenção de professores fluentes na língua de sinais. Trazendo consigo apenas uma breve prévia acerca de possíveis adversidades na inclusão do aluno surdo em sala de aula.”



Como a maioria dos cursos superiores de formação de professores possuem uma carga horária muito curta para a ministração da disciplina de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, se faz necessário que esse professor em formação busque meios pessoais afim de minimizar possíveis precariedades na qualidade do ensino, oferecendo assim aos alunos surdos, uma maior igualdade na aprendizagem em relação aos alunos ouvintes.

Mediante os desafios que permeiam essa realidade, as vezes certos professores se sentem desestimulados durante esse processo. Principalmente por se deparar com uma sala repleta de alunos, onde cada um já tem as suas próprias peculiaridades relacionadas ao ensino, além de outros que possuem necessidades educacionais como é o caso dos alunos surdos que requerem uma atenção especial, sendo necessário uma formação adequada para lidar com esse público.

Diante disso, o docente desempenha uma função essencial no âmbito escolar, pois cabe a ele trabalhar por meio da realização de atividades, que os discentes reflitam e se questionem em relação ao que está sendo desenvolvido, a comunicação entre o docente e o discente é fundamental durante esse processo (ALBRES, 2016).

Portanto, mesmo que algumas escolas possuam intérprete, é primordial que os docentes tenham pelo menos uma formação básica para trabalhar com alunos surdos, pois é essencial a interação entre o aluno, intérprete e professor, em vista do docente possuir conhecimentos específicos de uma determinada área que ajudará na ministração dos conteúdos e no esclarecimento de dúvidas referente aos assuntos ministrados.

“É inabitual um professor que atua na rede pública de ensino, ter oportunidade de ao mesmo tempo que leciona, poder participar de cursos de formação continuada de LIBRAS. Sendo portanto, um dos grandes desafios a serem superados.” (MAGALÃES 2016, p.36).

No ensino de ciências, os professores têm uma grade curricular voltada mais para os conhecimentos específicos, e embora tenham algumas disciplinas pedagógicas, nem todos dessa área conseguem participar de cursos voltados para a área de Libras, muitas vezes se limitando a termos científicos.

Ainda em relação ao ensino de ciências para alunos surdos, os professores enfrentam várias dificuldades desde a comunicação com esses alunos, até a metodologia utilizada. Porém, o docente independentemente do conteúdo a ser ministrado, deve ir em busca de estratégias para que tais dificuldades sejam atenuadas. Pois uma das maiores particularidades do ser humano é a arte da comunicação, e sendo assim, toda e qualquer forma de linguagem é válida desde que se faça entendível.



Segundo Quadros (2014), “O ser humano diferentemente dos demais animais, tem como prioridade a expressão da linguagem e para atender a essa habilidade, é capaz de superar qualquer obstáculo.”

Para tal, caberia ao professor buscar no “instinto humano”, formas de adequação para que a comunicação perpassasse a natureza humana, se sobrepondo como aliada no processo de ensino aprendizagem. Esses docentes devem traçar estratégias que atendam tanto as necessidades dos alunos ouvintes como dos surdos. Pois, independentemente da disciplina ministrada, o professor deve ter essa preocupação e empenho de modo a minimizar possíveis problemas na questão da comunicação.

A surdez não é algo contemporâneo, uma vez que já existe desde a antiguidade. Para Fernandes (2013, p. 19) “O que diferencia é a forma como ela vem sendo trabalhada ao passar dos anos, já que nos séculos passados os surdos não tinham sua condição de ser humano respeitada, nem tão pouco seus direitos”.

Não se questiona a capacidade de aprendizagem do aluno surdo, e sim, a complexidade do ensino, uma vez que o ensino de Ciências conta com uma série de termos científicos que devem ser apresentados aos discentes. Porém, quando interpretados através de sinais, em alguns casos podem não serem bem compreendidos e essa carência pode acarretar diversas consequências na aquisição da aprendizagem.

Porém, algo a ser explorado, seria o professor utilizar mais recursos visuais, se adequando a realidade do aluno surdo, através da busca de estratégias que visem uma melhor compreensão por parte desses estudantes.

As Dificuldades Encontradas no Processo de Ensino e Aprendizagem para Alunos Surdos

Seria utópico afirmar que um docente sai da universidade totalmente preparado para lidar com as mais diversas situações nas quais ele irá se deparar nos anos seguintes ao assumir a profissão. No entanto, a complexidade de um curso de licenciatura onde esse docente será inserido no espaço educacional, lhe exigirá habilidades extras para se colocar diante desse contexto, sobretudo quando adentrar em uma comunidade com restrição sensorial, no caso, lidar com um aluno surdo.

Segundo Albres (2016,p.163), “Durante a graduação, o discente se depara com as mais diversas opiniões e acaba por se “moldar” com os conceitos do outro e somente com o passar do tempo, toma autonomia e passa a ter voz própria. Assumindo assim, seus trejeitos e elaborando sua notoriedade no ensino e no próprio discurso”.



Sendo assim, o aluno e futuro professor sai da Universidade, com frases ditas “alheias”, muitas vezes ao ter professores como exemplo a ser seguido, ele se espelha e ao longo do tempo, ele irá construir sua própria identidade dentro do contexto educacional. Esse professor ao ser inserido no âmbito profissional, a bagagem teórica aliada a prática, com o decorrer do tempo irá lhe conduzir acerca do caminho a ser seguido, pois embora o estágio obrigatório sirva de suporte para a inserção educacional, será na atuação diária que o docente passará a definir sua identidade, se reinventando e inovando práxis mais significativas para o ensino e aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A introdução de alunos surdos no ensino regular, pode ser encarado como algo desafiador, não só para o docente, mas também para os colegas de turma, bem como para o próprio aluno surdo, uma vez que requer uma adaptação de ambas as partes afim de minimizar possíveis barreiras existentes.

Mediante isso: Iniciou-se perguntando aos docentes diante da perspectiva educacional, se eles se sentem preparados enquanto professores de ciências do ensino regular, para ensinar um aluno surdo. Assim, teve-se as seguintes respostas:

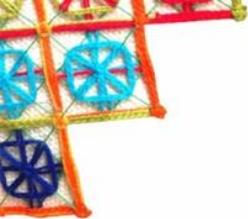
Não (DOC1).

Sim, além da experiência prévia durante a graduação enquanto integrante do PIBID, Cursos realizados durante e após a graduação e pós graduação em educação especial com LIBRAS (DOC2).

Não. Não sei muita coisa em Libras (DOC3).

Houve uma divergência entre as respostas, onde o (DOC1 e (DOC3), relataram praticamente a mesma situação, no entanto, o (DOC2) afirmou se sentir preparado para ministrar aulas, pois o mesmo teve como suporte sua participação no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), bem como o mesmo por meios próprio buscou se especializar na área fazendo cursos afim de se qualificar.

Muitos são os desafios enfrentados por um professor em sala de aula, porém, quando o mesmo recebe na turma um aluno surdo, esses desafios são potencializados caso o mesmo não esteja devidamente preparado para tal. Diante dessa perspectiva, houve a necessidade de indagação a respeito dos desafios mais recorrentes.



Os docentes foram indagados sobre quais são os maiores desafios ao receberem um aluno surdo em sala de aula:

A inclusão de um modo geral. Fazer com que ele se sinta acolhido (DOC1).

Compreender as particularidades e ser empático para atender e preocupar-se de forma igualitária com suas necessidades. Visto que a educação é de direito a todos e deve ser cumprida (DOC2).

Sei que depende muito de mim, acredito que o maior desafio é aprender Libras (DOC3).

Na pergunta em questão, o (DOC1) e (DOC2) focaram os maiores desafios, no acolhimento do aluno surdo, na empatia com o mesmo, na garantia à educação, enquanto que o (DOC3), apresentou como maior desafio, sua dificuldade em aprender a Língua Brasileira de Sinais.

Muito se fala quanto à displicência das escolas com o professor que recebe um aluno surdo em sala de aula, no entanto, é preciso que esse “juízo” não seja focalizado apenas na instituição, pois todos devem ocupar seus respectivos lugares de responsabilidade na educação desse aluno surdo. E o professor, como alguém que está afrente da sala, tem significativa importância nesse contexto.

Silva (2014, p.10), afirma que: “Alguns professores pecam em acreditar que existe uma receita a ser seguida, no entanto acredita que de fato o que existe, é uma busca constante pelo conhecimento. Em tese esse conhecimento surge com a convivência, com a autoanálise por parte desse docente em focar na solução e não nas dificuldades”.

No âmbito educacional, é de praxe o uso de recursos pedagógicos como aliados, visando uma maior compreensão do conteúdo por parte dos discentes ouvintes, o que remeteu ao seguinte questionamento em relação aos alunos surdos:

Os profissionais foram questionados quanto às práticas pedagógicas ou estratégias que fazem uso para minimizar possíveis barreiras educacionais no intuito de melhorar o aprendizado do aluno surdo:

Confesso estar despreparada totalmente (DOC1).

Trabalhar com recursos visuais e práticas pedagógicas auxilia amplamente a aprendizagem do aluno surdo (DOC2).

Estudando, já fiz 2 cursos iniciante, mas não me sinto segura de ir para o intermediário (DOC3).



As respostas do (DOC1) e (DOC3) foram bem enfáticas no que diz respeito ao despreparo para ministrar aula a um aluno surdo, onde o (DOC3) até afirma já ter buscado cursos para auxiliar no ensino. No entanto, percebe-se claramente sua insegurança no que diz respeito à educação de um aluno com surdez. Já o (DOC2), reconhece a importância dos recursos pedagógicos para auxiliar no aprendizado do aluno surdo, porém não relata quais práticas pedagógicas o mesmo faz uso.

Um curso de licenciatura na grande maioria das vezes não conta com uma grade curricular que prepare adequadamente o estudante para ministrar aula a alunos surdos, no que foi indagado aos docentes a seguinte questão que veio a corroborar uma prévia visão já existente.

Os professores foram interrogados se acreditam que um estudante de Licenciatura sai da Universidade com a preparação necessária para receber um discente surdo em sala de aula:

Não (DOC1).

Infelizmente não, devido a língua de sinais (generalizando) quando se trata de disciplinas específicas ou temas, não ser tão acessível tanto ao intérprete, devido a especificidade, quanto ao aluno, que por vezes não é do cotidiano, por ex.: a linguagem científica interpretada em LIBRAS, fator de desafio para o intérprete buscar por vezes análogos, sinônimos ou meio para suprir esse tipo de conteúdo (DOC2).

Não. A não ser que ele já tenha um curso voltado para tal. A Universidade ainda não é efetiva neste aspecto (DOC3).

Já com relação a uma possível preparação Universitária para ministrar aula a um aluno surdo, o (DOC1) respondeu que não acredita em tal preparo por parte do então futuro docente. Já o (DOC2), contextualizou relatando sobre a complexidade por parte de disciplinas específicas, o que dificultaria uma comunicação mais assertiva, uma vez que na maioria dos casos, alguns termos científicos possam não ser do conhecimento do intérprete. Conhecimentos esses que seriam essenciais para uma maior compreensão do aluno surdo. O (DOC3) acredita que o aluno de Licenciatura saia preparado, desde que o mesmo busque qualificação fora da Universidade, pois a mesma não supriria todas as necessidades com relação ao assunto abordado.

Partindo do pressuposto que a educação inclusiva deveria ser um processo dinâmico e contínuo, os docentes foram indagados à cerca de quais abordagens faz uso no dia a dia afim de minimizar eventuais dificuldades do aluno surdo na aprendizagem, bem como na interação com os demais colegas:

Nenhuma. Preciso me preparar para esse cenário (DOC1).



Atividades lúdicas pela tendência a inclusão, trabalhar com recortes, cartazes, enfoque no livro quando o mesmo é bem ilustrativo, desenhos e esquemas na lousa, entre outros (DOC2).

Colocaria para executar as atividades em grupo, principalmente com aqueles colegas que já criou afinidade e com aqueles que mantém uma certa conversação (DOC3).

Com relação a questão abordada, o (DOC1), assumiu sua precariedade no preparo para lidar com a situação, admitindo que necessita de uma melhor qualificação para tal. Já o (DOC2), preza pela ludicidade nas atividades, onde o mesmo procura introduzir recursos didáticos direcionados mais para o lado visual, fazendo uso de ilustrações para agregar no aprendizado. O (DOC3), aposta na afinidade com os demais colegas para que assim, o aluno surdo se sinta parte de um grupo, facilitando o aprendizado.

“O intérprete vai muito além de alguém que traduz o conteúdo ao aluno surdo. Ele é responsável por fazer a intermediação desse aluno com os demais colegas da turma tornando viável uma comunicação mais efetiva entre ambos” (FERNANDES 2013, p. 121).

Em todas as profissões, é essencial que haja um mínimo de suporte necessário para que o profissional possa desempenhar com eficácia sua função, no entanto, nem sempre essa lacuna é preenchida, o que trouxe a necessidade da seguinte questão: Os profissionais foram questionados se em sua concepção, eles recebem todo suporte necessário por parte da escola ou da instituição governamental para lidar com tais complexidades ao ministrar o conteúdo para o aluno surdo:

Não (DOC1).

Infelizmente não, pois o próprio material didático fornecido não tem uma versão adaptada, as vezes não se tem resposta positiva ao solicitar material extra para trabalhar de forma inclusiva, o que resta é conhecimento e força de vontade para produzir o que for necessário. Vale ressaltar que termos científicos comumente utilizados são latinizados ou tem origens em línguas antigas, o que se torna um desafio na abordagem do conteúdo para alunos surdos (DOC2).

Não. Infelizmente não recebemos nenhum suporte dos órgãos (DOC3).

Houve um consenso na fala dos três docentes em afirmar que não recebem suporte necessário por parte das instituições de ensino, bem como das instituições governamentais. O (DOC2)



ainda reforçou a precariedade no material didático fornecido, o que induz a um possível “descaso” por meio da instituição, deixando a maior parte da responsabilidade por conta do docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise das respostas, foi possível concluir que embora a educação inclusiva já tenha tido avanços significativos, ainda há um longo caminho a ser percorrido. Pois embora a lei assegure a educação ao aluno surdo no ensino regular, nem sempre o docente recebe o suporte necessário para desenvolver um ensino mais eficaz.

Cabe ainda ressaltar, quanto a conscientização por parte do docente, uma vez que ao analisar as respostas, é notório o empenho de um dos docentes, o que não pode ser observado em outro. O que reforça a tese de que não basta apenas a lei assegurar, ou dar o suporte necessário. Mais que qualquer lei que assegure, é de suma importância que o docente tenha em mente sua parcela de responsabilidade no acolhimento desse aluno surdo, bem como em garantir que o mesmo possa ter seu papel de aluno respeitado. Uma vez que a questão surdez não o incapacita ao aprendizado, isso quando se foca em minimizar possíveis diferenças.

O aprendizado é o mesmo, o que muda é a apenas a forma pela qual o conhecimento é repassado para cada discente, onde ele deve ser trabalhado para que se adeque à particularidade de cada um.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N.A. **Ensino de Libras**: aspectos históricos e sociais para a formação didática dos professores.1.ed. Curitiba, 2016.

LACERDA, C B.F.; SANTOS, L.F. Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. **EdUFSCar**: São Carlos, 2014.

MAGALHÃES, S.R. O Uso da LIBRAS Pelos Professores de Ciências e Biologia no Processo de Ensino e Aprendizagem dos alunos surdos em Escolas da Rede Estadual de Parnaíba / PI. Universidade Federal do Piauí – UFPI. Parnaíba, 2016.

MULLER, R. Q.; CRUZ, C. R. Instrumentos de Avaliação. Porto Alegre: ARTMED, 2011.



**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

NASCIMENTO, F.R.F.M. et al. Quais os Desafios que o Professor Enfrenta Para Ensinar aos Alunos Surdos? II CONEDU. Campina Grande, 2015.

S, F. **Educação de Surdos**. Curitiba: Intersaberes, 2012.